

XI DOMINGO DO TEMPO COMUM – ANO C

PROPOSTA DE MEDITAÇÃO

O AMOR GERA O PERDÃO

A liturgia da Palavra deste domingo nos convida a meditar sobre a grandeza do Amor Divino que gera o perdão (Evangelho) e por isso não quer que o pecador morra, mas que reconheça suas faltas, se arrependa, se converta e viva (I leitura e Salmo). O amor divino para com a humanidade se antecipa a todo e qualquer esforço humano. Dessa forma a nossa Salvação não é mérito e nem direito nosso, mas Graça de Deus (II leitura).

I LEITURA: 2 Samuel 12,7-10.13

DEUS PERDOA O CRIME PREMEDITADO DE DAVI

O profeta Natã acusou o Rei Davi de ter cometido um grave crime e pecado (cf. 2Sm 12,7). Arrastado pelo instinto sexual (cf. 2Sm 11,2), atraído pela beleza de uma mulher casada chamada Betsabéia, esposa de Urias, Davi entregou-se à paixão venérea com ela (cf. 2Sam 11,3-4; 12,9). Desejando possuí-la definitivamente, premeditou a morte do seu marido escalando-o para ficar na linha de frente de uma batalha (cf. 2Sm 12,14-17). Urias foi assassinado. Davi assume a mulher. Com firmeza educativa o profeta Natã acusa-lhe diretamente, chama-o à reflexão, de modo que fez Davi tomar consciência da profunda gravidade da sua falta (cf. 2Sm 12,1-6). Ele era rei! As pessoas que ele recebeu, como as mulheres, não eram para serem usadas ou exploradas, mas para serem cuidadas; por isso a violência contra elas significava diretamente o desprezo de Deus (cf. 2Sm 12,8-9). Natã, ainda vai além advertindo a Davi sobre as futuras e dramáticas consequências que recairiam sobre sua família (cf. 2Sm 12,10). Diante dessa forte chamada de atenção, sincera e meditativa, Davi reconheceu sua culpa e confessou seu pecado pedindo perdão dizendo: «Pequei contra Javé». E Deus perdoou seu pecado (cf. 2Sm 12,13). Segundo a tradição bíblica, o salmo penitencial 51, foi composto por Davi como manifestação do seu profundo arrependimento. Em sua oração diz: *“Tem piedade de mim, ó Deus, por teu amor! Por tua grande compaixão, apaga a minha culpa! Lava-me da minha injustiça e purifica-me do meu pecado! Porque eu reconheço a minha culpa, e o meu pecado está sempre na minha frente”* (cf. Sl 51, 35). Quando caímos e reconhecemos nossas faltas, Deus se manifesta e nos revela seu rosto de ternura.

NOSSA VIDA:

Esse fato, narrado nos capítulos 11 e 12 do segundo Livro de Samuel, com todos os seus detalhes, nos provoca certa indignação. Mas não parece nada distante de nós! Vejamos algumas mensagens: **a) A força do Éros:** trata-se de algo profundamente atual em nossos dias, uma vez que é significativamente elevado o índice de crimes passionais em nossos tempos. O ser humano, muitas vezes analfabeto e ignorante diante dos próprios impulsos, é incapaz de canalizar positivamente suas energias e acaba se afogando na ditadura do prazer que o leva ao desequilíbrio e à morte; aliás, paixão e morte caminham lado a lado! Não é à toa que o “cupido”, deus alado do amor da mitologia grega, é representado de olhos vendados, com arco e flechas na mão. A paixão nos cega; ao contrário, o amor é lúcido e consciente! No campo da cupidez quem manda é o instinto animalesco! Refletir sobre isso é importante. A Palavra de Deus nos convida a sermos “senhores” de nós mesmos, capazes de respeito pelo outro e não usá-lo como nos convém. **b) A coragem da correção:** “Errar é humano”... É verdade! E quando contamos com alguém que, com sabedoria e bom senso pedagógico nos ajuda a rever as nossas errôneas atitudes, nos presta um grande serviço. Natã, o profeta, foi considerado um servidor de Davi apontando-lhe o caminho da verdade. É fantástica a sensibilidade e o respeito, a firmeza e a ternura do profeta Natã diante de Davi. Corrigir o rei era um ato de grande coragem; era uma atitude petulante que só mesmo quem se sentia livre e corresponsável poderia assumir tal postura diante de uma autoridade de tão elevado status. Tinha que ser um profeta! A ação do profeta Natã nos convida ao desafio da correção fraterna. É dessa forma que o errante, repensa suas atitudes e muda seu comportamento. Fácil é condenar, difícil é, com sabedoria, ajudar o outro a ser melhor. **c) O compromisso do líder:** no processo de reflexão com Davi, um dos argumentos de Natã foi aquele da necessidade da coerência do líder; por ser figura de referência no seio da comunidade, seja qual for o seu cargo, o líder está convidado a assumir uma postura de bom exemplo enquanto pessoa pública. Neste caso temos uma série de males que aparecem no comportamento de Davi, totalmente incompatíveis com a sua função de Rei, portanto, promotor do Bem comum: o desequilíbrio afetivo-sexual, o adultério (ruptura de um matrimônio atentando contra a família), a premeditação da morte do marido da mulher, a articulação da mentira para despistar a sua culpa (falsidade ideológica – cf. 2Sm 11,14-25).

SALMO 32 (31): Este salmo é uma oração de gratidão a Deus por causa do perdão recebido, na qual a conversão é apresentada como fonte de alegria para o salmista. Por isso diz: “Feliz aquele cuja ofensa é absolvida... a quem Deus não acusa nenhum pecado” (Sl 32,1-2). O salmista narra a experiência do peso que sentia quando estava em pecado (cf. Sl 32,3-4), mas depois da confissão, veio-lhe a experiência do alívio libertador (cf. Sl 32,5-7). Conclui essa oração com um conselho de sabedoria: é preciso não ser teimoso no mal, incapaz de compreender o caminho da retidão, pois os injustos sofrem tormentos (cf. Sl 32,8-9). Vale a pena, então, estar em comunhão com Deus e viver na alegria (cf. Sl 32,11).

II LEITURA: Gálatas 2,16.19-21 É DEUS QUEM NOS TORNA JUSTOS

Paulo com firmeza responde aos judeus afirmando-lhes que o nosso estar justos diante Deus não é consequência dos nossos esforços humanos de obediência às exigências da Lei, mas é graças a nossa Fé em Jesus Cristo (cf. Gl 2,16). A justificação seria o estado da nossa reconciliação com Deus. Jesus é o Justo (cf. At 3,14). Sendo Ele a justiça divina encarnada, a nossa fé Nele nos torna justos, ou seja, capacitados para colocar em prática do Bem (Amor). O amor nos leva à justiça, à paz com Deus e com os outros! A cega obediência à lei nos torna frios diante das necessidades alheias e nos engessa diante de urgências imprevistas (cf. Lc 10,25-37). A fé, bem diferente, é dinâmica e exige de nós confiança na misericórdia divina e reconhecimento da nossa pequenez. Por outro lado, a fé cristã não é estática, pois gera esforço humano e confirma o crente na consciência de que seus recursos não bastam para projetá-lo para a vida eterna. O apego à Lei era uma forma de fidelidade obsoleta. O apego à Lei de Moisés era sinal de que os Judeus não aceitavam a Jesus como Salvador não reconhecendo que a Lei tinha um tempo específico de duração, que ela era um instrumento pedagógico para conduzir o povo até Jesus (cf. Gal 3, 24-25). Todo bem que fazemos depende da consciência de Amor. Por isso, Paulo orgulhosamente declara: *“Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”* (Gl 2,20). Nesta nova era, a cristã, a Lei é Cristo, e a prática do mandamento do Amor é a perene ordem. O ser justo ou injusto já não depende da cega obediência a preceitos legais, ou puramente religiosos por tabela, mas da prática do amor (cf. 1Cor 13). Daí é possível a experiência do perdoar e ser perdoado!

NOSSA VIDA:

Os judeus do tempo de Jesus davam um valor tão extraordinário aos preceitos legais que acabaram perdendo o sentido dos mesmos. Isso também acontece conosco, quando transformamos os meios em fins. Dessa feita, a lei não era o fim, mas um meio, um instrumento que os fiéis tinham para maior aproximação de Deus. Quando confundimos meios e fins, acabamos perdendo o sentido daquilo que fazemos e usamos. Aquilo que é essencial e mais importante está sempre além. Quando esquecemos isso, corremos o perigo de fazermos esforços inúteis atribuindo aos meios que usamos ou as nossas intenções um poder mágico. Engano! A realidade que está fora de nós, não muda pela força das nossas intenções. A nossa Salvação, muito mais que consequência das nossas escolhas é, pela sua proporção e natureza, uma Graça que sai do coração de Deus Misericordioso e vem ao nosso encontro (cf. 1Cor 2,9). Assim a nossa reconciliação com Deus, justificação, não é um direito nosso, mas o maior dos Dons que podemos receber. E a vontade e a liberdade da pessoa onde fica? A ação da Graça de Deus não elimina o concurso da liberdade humana, é necessária! O que Paulo repetidamente afirma é que a Fé, movida pela Esperança, gera o Amor e por isso é rica de expressões, é dinâmica e envolvente. Por outro lado, a lógica do mérito que vem da fria obediência à lei nos torna calculistas e falsamente seguros.

EVANGELHO: Lucas 7,36-8,3 O AMOR GERA O PERDÃO, O PERDÃO GERA AMOR

Jesus foi convidado para uma refeição na casa de um homem do grupo dos fariseus chamado Simão. Entrou na casa e pôs-se à mesa, mas sentiu que não recebeu a devida acolhida (cf. Lc 7,36). Era um homem frio, legalista! No entanto, ali apareceu uma mulher conhecida da cidade como pecadora (provavelmente considerada prostituta) que, na frente do rígido e frio fariseu, manifestou a Jesus generoso afeto e sentimentos de perdão por suas faltas através de suas atitudes: coloca-se aos seus pés (atitude de humilde serva!) e, chorando (penitente arrependida!), banha os pés de Jesus com suas lágrimas, enxuga-os com seus cabelos, beija-os e os unge com perfume fino (cf. Lc 7,37-38). Imediatamente o fariseu põe-se a pensar maldade em seu coração desprezando a mulher por ser uma pessoa, segundo ele, não merecedora de atenção, mas de desprezo. Jesus, porém, conhecendo o que pensava, reprova-lhe e denuncia a mesquinhez da acolhida recebida, apesar de chamar a Jesus de “Mestre” (cf. Lc 7,40; Lc 7,44-45). Então Jesus lhe conta a

parábola dos dois devedores que foram perdoados (cf. Lc 7, 41-43) deixando-lhe claro que, de nada serve, a pessoa ter uma postura religiosamente zelosa se, ao mesmo tempo, é fria no encontro com os outros, julga e despreza seus irmãos; de nada serve o fervor religioso quando ainda não aprendemos a amar respeitar os outros! A fé deve gerar o Amor e o Amor, por sua vez, gera o perdão; por isso, quem muito ama, merece muito perdão! Essa é a linda sentença de Jesus! A prática do amor sincero perdoa os pecados (cf. Lc 7,47; Tg 5,20; 1Pd 4,8). A Deus, ninguém engana! Religião é coisa da Verdade, e por isso deve haver transparência. Quando Lucas cita que um grupo de mulheres curadas acompanhava Jesus e o serviam em suas necessidades, está nos anunciando que o perdão uma vez obtido, responsabiliza a pessoa capacitando-a para a prática do serviço e da solidariedade (cf. Lc 8,1-3). O perdão que, gera a acolhida, é resposta contra a exclusão e toda forma de preconceito.

NOSSA VIDA:

No texto do evangelho de hoje Jesus nos apresenta a maravilhosa relação entre Amor e Perdão. Jesus reconhecendo a grandeza dos gestos de amor da mulher, perdoa todos os seus pecados; o amor atrai o perdão! Por sua vez, a mulher se aproximou de Jesus porque foi estimulada pela sua atitude de abertura e acolhida aceitando seus gestos de afeto sincero. A acolhida é a porta do perdão. Quem diz que já perdoou, mas não quer ver o outro diante de si, está enganado no seu conceito de perdão. Amor e perdão geram aproximação. A mulher queria o perdão e por isso, sem medo de ser rejeitada, se aproximou de Jesus. Mas também é verdade que quem quer receber o perdão, deve manifestar amor através das suas atitudes... e quem ama, deve abrir-se ao perdão. Na carta aos Romanos, no clássico capítulo 12 sobre a relação entre Fé e Amor aos outros, Paulo recomenda-nos: “que o amor de vocês seja sem hipocrisia” (Rm 12,9). O falso amor é um contra senso! Porque o amor, por sua natureza, deve ser verdadeiro. Muito nos chama atenção a atitude de coragem dessa mulher: só pelo fato de ser mulher já era vista com preconceito, ainda mais era má afamada, entra na casa de um fariseu (perturbando a visita ilustre!!!) não se importando se iria ser acolhida ou rejeitada, com grande generosidade deu tudo o que tinha - o perfume que era usado para atrair seus clientes é derramado, sem reservas, nos pés de Jesus! Mudança! Jesus nos lança sérios convites: a refletir sobre nossas atitudes tantas vezes mesquinhas que nos impelem a classificar as pessoas; a reconsiderar nossas atitudes de frieza na relação com os outros (na acolhida fria, formal, diplomática...); a aprofundar como anda a nossa vivência da relação Fé, Amor e Perdão; a não termos medo de nos aproximar do outro quando sentimos a necessidade de pedir perdão; a aceitar e a compreender que nem todo pedido de perdão é formulado com palavras; Jesus não é um homem que vive a sua afetividade e sexualidade de modo hipócrita e friamente, permitindo-se ser acariciado pela mulher e, ainda de má fama, nos revela que é sumamente livre, transparente e soberano em suas atitudes. Com esse gesto de dupla ternura e bondade, diante de maus olhos, Jesus proclama, com sua atitude, a bem-aventurança dos puros de coração (Mt 5,8).

MENSAGENS E COMPROMISSOS:

1. Deus se manifesta na nossa miséria e quando nos arrependemos revela seu rosto de ternura e perdão. Deus nos convida também a ajudar os outros no processo de mudança de vida. A correção contribui para conversão.
2. A Salvação não é um direito nosso, é a maior Graça de Deus; mas também com ela contribuimos.
3. O Amor gera o perdão...

Antônio de Assis Ribeiro (Pe. Bira – BMA)
E-mail: birasdb@yahoo.com.br